

## João Pessoa - Número Dois - Novembro de 2000

### Cultos e memória dos mortos nas análises de Gilberto Freyre

**CÍCERA ROSILENE FRANCISCO**  
**YURIALIS FERNANDES BASTOS**

*Alunos do Curso de Graduação em Ciências Sociais  
CCHLA - UFPb*

Temos como objetivo fazer uma análise de como Gilberto Freyre analisou e teceu comentários em algumas de suas obras, tais como **Casa-Grande & Senzala** e **Sobrados e Mocambos**, aos cultos e a memória dos mortos nas diferentes culturas e religiões que ele teve a oportunidade de observar. Para a partir daí, poderemos verificar em que grau de atualidade se encontram as constatações por ele ressaltadas.

Lamentamos não ter sido possível estudarmos, para esse trabalho, o livro que Gilberto Freyre pretendia escrever, o qual poderia muito bem fornecer-nos valiosas informações de suas análises em torno da problemática proposta pelo nosso texto. Esse livro se chamaria Jazigos e covas rasas, cujo autor menciona, no vídeo Como e por que sou e não sou sociólogo, o "desaparecimento" dos manuscritos que serviriam de base para a produção deste livro.

A morte é o destino inexorável de todos os seres vivos. No entanto, só o homem tem consciência da própria morte. Estudos a respeito dos primórdios da nossa civilização relacionam o aparecimento das primeiras angústias metafísicas do homem ao registro dos primeiros sinais de culto aos mortos. Na medida em que o homem se percebe finito, aguarda com ansiedade o que poderá ocorrer após a morte. A crença na imortalidade, na vida após a morte, simboliza bem a recusa da própria destruição e o anseio de eternidade.

Segundo Gilberto Freyre, a concepção da morte centrada nas sociedades tradicionais, como no Brasil colonial, indica que o morto ficaria no limite entre o aqui e o além, numa espécie de parêntese existencial a ser ritualmente preenchido pelos vivos. São exemplos os ritos de separação, a lavagem e o transporte do cadáver, a queima de objetos pessoais dos mortos, cerimônias de purificação, de sepultamento, rituais periódicos de expulsão do espírito do morto da casa, da vila, em fim, do meio dos vivos, o luto e tabus em geral. Ritos de incorporação seriam aqueles dirigidos a propiciar a reunião do morto com aqueles que seguiram antes, como por exemplo, a comida servida para a sua viagem, a extrema-unção, o próprio enterro do cadáver. Os ritos de separação e incorporação freqüentemente se superpõem e até se confundem.

Muitas são as sociedades nas quais prevalecem a noção de que a realização de rituais funerários adequados é fundamental para a segurança de mortos e vivos. Nelas a morte não é, como lembra Hertz, "*um ato instantâneo*", ela não é vista como mera destruição, mas como transição. Van Gennep assim resume as dificuldades criadas quando o morto não consegue seguir seu destino:

*"As pessoas para quem não se observam os ritos funerários são condenadas a uma penosa existência, pois nunca podem entrar no mundo dos mortos ou se incorporar*

*a sociedade lá estabelecida. Eles desejam ser incorporados ao mundo dos vivos, e porque não podem sê-lo, se comportam em relação a ele como forasteiros hostis. Eles carecem dos meios de subsistência, que os outros mortos encontram em seu próprio mundo e conseqüentemente devem obtê-los à custa dos vivos. Ademais, estes mortos sem lugar ou casa, às vezes, possuem um desejo intenso de vingança." (Reis, 1998: 89)*

Se o morto passa para outro estado feliz e plenamente, ele poderá interceder pelos vivos junto aos deuses, inclusive facilitando-lhes a futura inserção na comunidade dos mortos. Daí terem as pessoas todo interesse em cuidar bem de seus mortos, como se cuidassem de sua própria morte.

A Bahia, na primeira metade do século XIX, tinha uma cultura funerária com as características que acabamos de descrever. E era assim, em grande parte, por suas raízes em Portugal e África. Em ambos os lugares, Gilberto Freyre identificou a idéia de que o indivíduo devia se preparar para a morte, arrumando bem sua vida, cuidando de seus Santos de devoção ou fazendo sacrifício a seus deuses e ancestrais. Tanto africanos como portugueses eram minuciosos no cuidado com os mortos, banhando-os, cortando o cabelo, a barba e as unhas, vestindo-os com as melhores roupas ou com mortalhas ritualmente significativas. Em ambas as tradições aconteciam cerimônias de despedida e vigílias, durante as quais se comia e bebia, com a presença de sacerdotes, familiares e membros da comunidade.

O culto dos mortos tinha uma relevância muito maior na tradição africana, embora não estivessem absolutamente ausente da portuguesa. Entre os angolanos, os espíritos ancestrais chegavam mesmo a influir mais no dia-a-dia do que as próprias divindades. Os africanos de um modo geral tinham muitos rituais mais complexos de comunicação com os mortos. Enquanto isso, a doutrina da Igreja não se interessava especificamente em cultuar os mortos, concentrando-se em salvá-los. Os vivos, é verdade, podiam interceder por eles mediante orações e missas, mas os mortos, por ignorarem as coisas do mundo no momento em que aconteciam, pouco podiam fazer pelos vivos. Os mortos ganharam mais importância no catolicismo popular, ainda impregnado de fortes componentes mágicos e pagãos.

Citando uma passagem de um dos mais célebres livros de Gilberto Freyre, vemos:

*"Os pedidos de reunião familiar na morte era comum entre os testadores mais abastados, cujo os túmulos estampavam emblemas de linhagens poderosas, que se pretendiam perpétuas. 'O túmulo patriarcal', o jazigo chamado perpétuo [...] o que mais exprime é o esforço, as vezes pungente, de vencer o indivíduo a própria dissolução integrando-se na família, que se presume eterna através de filhos, netos, descendentes, pessoas do mesmo nome."*

O caso do morgado casa da Torre, Coronel Garcia d'Ádila Pereira de Aragão, é interessante por ele cogitar uma alternativa a cova clânica. Casado duas vezes, mais sem herdeiros legítimos, ele nem chegaria a viver com a segunda mulher, preferindo a companhia de suas escravas ao testar em 1801 declarou:

*"Se falecer na cidade da Bahia quero ser sepultado no convento de Nossa Senhora do Carmo e na sepultura de minha primeira mulher, sem embargo de ter jazigo no convento de São Francisco, e sendo nesta casa na mesma sepultura em que se acha jazendo meu pai'. O coronel terminou morrendo na cidade, mas a família desobedeceu a sua determinação, enterrando-o em São Francisco. Entre a afetividade pessoal do morto e a tradição familiar, esta acabou prevalecendo. Seu sucessor seria enterrado na Igreja de São Francisco, 'na sepultura da casa'." (Freyre, 1936: 452)*

Citando outra vez Gilberto Freyre, vemos:

*"Raro o senhor de engenho que morreu sem deixar alforriados, no testamento, negros e mulatas de sua fábrica. É verdade que 'o alforriado', observa Alcântara Machado, referindo-se aos escravos das fazendas de São Paulo, nos séculos XVI e XVII, "é muitas vezes um bastardo, fruto dos amores do testador ou de pessoa da família com uma negra da casa". " Os mortos ficavam na companhia dos vivos: até que os higienistas, já no segundo Império, começaram a perguntar: até quando persistirá à triste prerrogativa dos mortos envenenarem a vida dos vivos?" (Freyre, 1936: 452-453)*

Com base nos escritos de Gilberto Freyre, vemos que os enterros eram feitos à noite com grandes gastos de cera; com muita cantoria dos padres em latim; muito choro das senhoras e dos negros. Estes ficavam sem saber que novo senhor a sorte lhes reservava, e choravam não só com saudades do antigo senhor, como pela incerteza do seu próprio destino.

Sobre os rituais e memoriais conferido aos negros nos relatos de Gilberto Freyre, vejam que:

*"Os negros, é claro não se enterravam envolvidos em sedas e flores, nem dentro das igrejas. Enrolavam-se seus cadáveres em esteiras; e perto da capela do engenho ficava o cemitério dos escravos, com cruces de pau preto assinalando as sepulturas. Quando eram negros já antigos na casa morriam como qualquer pessoa branca: confessando-se, comungando, entregando a alma a Jesus e a Maria; e a São Miguel, São Gabriel, São Rafael, São Uriel, São Teatriel, São Baraquel. Arcanjos louros que devem ter acolhido os pretos velhos como São Pedro à negra Irene, do poema de Manuel Bandeira (...) Alguns senhores mandavam dizer missa por alma dos escravos de estimação; enfeitavam-lhe as sepultura de flores; choravam com saudade deles como se chorava com saudade de um amigo ou de um parente querido. Mas havia também muito senhor bruto. E na cidade com a falta de cemitério durante os tempos coloniais, não era fácil aos senhores, mesmo caridosos e cristãos, darem aos cadáveres dos negros o mesmo destino piedoso que nos engenhos. Muitos negros foram enterrados na beira da praia: mas em sepulturas rasas, onde os cachorros quase sem esforços achavam o que roer e os urubus o que pinicar." (Freyre, 1933: 455)*

É notória a preocupação que Gilberto Freyre teve de ressaltar as diferentes maneiras de cultuar e de fazer memória aos mortos, que variavam outrora visivelmente e que ainda variam nas sociedades atuais. (o que comprova, neste ponto, a atualidade, de acordo com a posição que o morto ocupava na escala da estratificação social. Podemos identificar através desta última citação, bem como através de outras apresentadas, a predominância de três grandes categorias de cultos e memoriais que variam, do luxo à precariedade, de acordo justamente com a situação social do finado. São essas as categorias: 1ª) A dos aristocratas (parte branca da sociedade) - caracterizada pela grande fartura, em termos de luxos materiais nos rituais fúnebres e dotadas de verdadeiros túmulos-memoriais de família. 2ª) A dos escravos antigos da casa (os que eram mais chegados à família aristocrata da época) - que dispunham de muitos elementos, no processo fúnebre, dos quais eram encontrados na primeira categoria, com destaque para a confissão póstuma, a comunhão e a entrega da alma a Jesus, a Virgem Maria e aos santos, que deveriam acolhe-las (no céu é lógico) 3ª) A dos escravos mais renegados da casa e dos escravos da cidade. Para os primeiros desta categoria, pelo fato de não haverem laços afetivos entre eles e a casa, não se atribuía grande importância aos seus cultos fúnebres e à sua memória. E para os segundos desta categoria, talvez tanto pelos fatores ressaltados para os primeiros, quanto pela falta de cemitérios nas cidades dos tempos coloniais, se tornava muito difícil um melhor ritual e

memorial fúnebres. Os dois tipos de mortos desta última categoria tinham em comum o fato de serem enterrados sem grandes rituais e em covas rasas com simples cruzeiros negros que lhes identificavam.

Portanto, segundo a análise de Gilberto Freyre a morte tem sido considerada uma cruel realidade, que precisa da religião para dar consolo e coragem aos que enfrentam a perda do convívio com a pessoa com que outrora vivera. Obviamente a religião é um recurso que fortalece o homem diante da morte, que implica a construção de atitudes de auto disciplina, sendo os vivos, principalmente e sobretudo as pessoas da família, os responsáveis pelos rituais fúnebres que preparam a passagem dos espíritos para o plano transcendente.

Quanto aos cultos e à memória dos mortos, nos relatos de Gilberto Freyre, as cerimônias são procedidas conforme a religião do morto. Este, é chorado e freqüentemente lembrado. Sua ausência é assinalada pelo luto cuja duração varia conforme o tipo de parentesco, de povo para povo. São práticas determinadas socialmente, as visitas aos túmulos, as missas para alma do morto, o depósito de flores nos caixões (quando no caso dos rituais de velório), nos jazigos (quando os mortos já sepultados) e as visitas de pêsames que ajudam aos parentes a atravessarem o período doloroso da perda do ente e da reintegração à vida normal.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DA MATTA, Roberto. (1995). **A casa e a rua**. São Paulo: Brasiliense.

FREYRE, Gilberto. (1933). **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

\_\_\_\_\_. (1936). **Sobrados e mocambos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

REIS, João José. (1998). **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XX**. São Paulo: Cia. das Letras.